

Manuscrito hebraico e aramaico em Lisboa

O manuscrito de que se vai dar notícia consta de duas folhas de pergaminho encontradas num alfarrabista de Lisboa. Estavam a servir de capas de um livro. Os seus caracteres só em parte eram visíveis, já que uma outra parte estava coberta por uma grossa camada de cola farinácea. Diga-se entretanto que não foi difícil removê-la com o auxílio de um produto químico, oferecido para o efeito pelos serviços de restauro da Fundação C. Gulbenkian¹. O pergaminho, no caso presente, é uma pele fina e rija, de côr amarelada e, nalgumas partes, bastante escurecida pelo tempo. Mede cada folha 38 × 27 cm. A folha 1 está disposta em 3 colunas de 28 linhas cada uma; a folha 2 tem duas colunas de texto, igualmente de 28 linhas e ainda uma outra, certamente com qualquer anotação e em tipo de letra diferente. Infelizmente esta coluna está bastante deteriorada, tornando-se por isso a sua leitura muito difícil. Pior ainda é o estado de uma coluna de texto da folha 1, que está praticamente perdida.

A folha 1 contém uma passagem do livro bíblico dos *Números*: cap. 1, 20-26. O versículo 20 está escrito em Aramaico. A partir daqui, cada versículo está escrito primeiramente em Hebraico e depois em Aramaico.

¹ Foi a Dr.^a Maria Cristina Gonçalves Neto que, ao ter conhecimento do manuscrito que uma pessoa amiga tinha adquirido, procurou algum hebraísta que o estudasse. Deste modo, os Professores J. C. das Neves, J. A. Ramos e o autor destas linhas puderam observar o manuscrito com o maior interesse, tendo identificado os versículos hebraicos 21 e 24 do cap. I dos *Números*.

Passou-se mais de um ano quando o autor, que tem o manuscrito a seu cuidado, resolveu dedicar-lhe algum tempo e paciência. Pode então concluir que o texto é bilingue: hebraico e aramaico e pode realizar o modesto estudo que aqui apresenta. Além do reconhecimento aos dois Professores, é devida uma palavra de gratidão a Abraham Assor, Rabino da comunidade israelita de Lisboa, por algum auxílio prestado neste trabalho.

O texto aramaico é o do *Targum Onkelos*, que é uma versão muito fiel ao original hebraico². Essa fidelidade é tão grande que não se vêem motivos, neste caso concreto, para propor uma tradução portuguesa do Hebraico e outra do Aramaico. Poderiam esperar-se divergências quando se indicam números, como por vezes acontece, mas a verdade é que mesmo aí se nota perfeita coincidência.

A folha 2 contém Num. 3, 34-40. O versículo 34 está em Aramaico, seguindo-se depois a mesma disposição: cada versículo em Hebraico e depois em Aramaico. Também aqui a versão aramaica corresponde fielmente ao original hebraico.

Quisemos verificar se o texto bíblico, tanto hebraico como aramaico, seriam de confiança, ou se, pelo contrário, dependeriam de alguma família de códices espúria e pouco segura. Para tal, tomámos como padrão duas edições críticas de reconhecido valor. Escolhemos para o Targum Onkelos a edição de BRIAN WALTON, *Biblia Sacra Polyglotta*, Graz-Austria, Vol. I, 1963 e, para o texto hebraico, a conhecida recensão crítica de R. KITTEL, *Biblia Hebraica*, com repetidas edições em Stuttgart. Seguimos a de 1975.

Na nossa análise comparativa, pudemos verificar as seguintes divergências no texto aramaico:

Num. 1,22 (aramaico) — O manuscrito escreve לְגִלְגָּל enquanto Walton prefere לְגִלְגָּלְתָּהוֹן. A palavra corresponde ao hebraico לְגִלְגָּלִים que contém o prefixo לְ, o nome masculino no plural com o sufixo da 3.ª pessoa do plural masculino. No manuscrito, surge no singular e sem o sufixo do plural (= «por cabeça» e não «pelas suas cabeças»).

Num. 1,23 — O manuscrito escreve תַּשְׁעָא em vez de וַתַּשְׁעָא. Omite portanto o ו copulativo inicial e confunde o ה final com א.

Num. 3,35 — O manuscrito escreve צָדָא em vez de שָׂדָא. Confunde a letra ש com צ.

Num. 3,38 — O manuscrito escreve אַקְדָּשָׁא em vez de מִקְדָּשָׁא. Faz portanto confusão entre א e מ.

² Como é sabido, o *Targum*, ou seja *versão Onkelos*, teve a sua origem na Babilónia, no século III d. C. Onkelos é uma adaptação de Áquila, nome por que é conhecida uma famosa versão bíblica em Grego, versão muito fiel ao texto original. Esta versão aramaica é também duma fidelidade exemplar e teve grande importância entre os judeus, pois, ao esquecerem o Hebraico, puderam ler a Bíblia na língua aramaica. Cfr. a propósito *Encyclopaedia Judaica*, Vol. 15, Jerusalém 1971, 811-813; R. le DEAUT, *Introduction à la Littérature Targumique*, Roma 1966.

As leituras variantes encontram-se apenas no texto aramaico. No texto hebraico não existem, o que nos leva a afirmar que o manuscrito segue uma boa tradição textual. Neste ponto, não destoia do que era timbre dos judeus copistas de Lisboa, mormente no século xv, geralmente muito cuidadosos e precisos, «segundo excelentes tradições textuais», como reconhece G. Sed-Rajna³.

Note-se ainda que o copista recorre com frequência ao uso de «mater-lectionis», isto é escreve no fim duma linha as primeiras letras da palavra que vai escrever depois, por extenso, na linha seguinte.

Versão

Num. 1,20-26

20 — «Dos descendentes de Rúben, primogénito de Israel, foram recenseados segundo a sua origem, pelas suas famílias e casas de seus antepassados, todos os que tinham mais de vinte anos e podiam ir para a guerra. 21 — O número dos recenseados da tribo de Rúben foi de quarenta e seis mil e quinhentos. 22 — Dos descendentes de Simeão, segundo a sua origem, pelas famílias e casas de seus antepassados, foram recenseados, contando-se por cabeça, os nomes dos varões que tinham mais de vinte anos e podiam ir para a guerra. 23 — O número foi de cinquenta e nove mil e trezentos. 24 — Dos filhos de Gad, segundo a sua origem, por famílias e casas de seus antepassados, foram contados pelos nomes de cada um, a partir dos vinte anos, todos os que podiam ir para a guerra. 25 — O número foi de quarenta e cinco mil seiscientos e cinquenta. 26 — Dos descendentes de Judá, segundo a sua origem por famílias e casas de seus antepassados, contaram-se pelos nomes de cada um, a partir dos vinte anos, todos os que podiam ir para a guerra».

Esta passagem bíblica fala-nos, como é óbvio, dum recenseamento. Descreve mesmo aquele que foi o primeiro e que teve lugar antes da partida do Sinai. Constantemente se faz referência às origens. É que a lista genealógica constituia a prova legal de pertencer ao povo de Deus. Recorde-se o lugar paralelo de Esd. 2,61-63, quando na lista dos retornados da Babilónia se procurou o registo genealógico, o que levou a serem excluídos do sacerdócio alguns, por falta de identificação.

³ *Manuscripts Hébreux de Lisbonne, un atelier de copistes et d'enlumineurs au XV^e siècle*, Paris 1970, 11.

Esta lista do livro dos Números poderá vir de um documento antiquíssimo, século XII a.C. Mas poderá também admitir-se aqui um certo artificialismo, tanto nos nomes, cuja simbologia nos ultrapassa, como nos próprios números. De facto parecem exagerados. A serem tomados à letra levar-nos-iam a admitir que a população de Israel, ao sair do Egipto, andaria peios três milhões, número excessivamente elevado.

Num. 3, 34-40

34 — «O número dos seus recenseados, contando-se todos os varões de um mês para cima, foi de seis mil e duzentos. 34 — O chefe da família de Merari foi Suriel, filho de Abihail. Acampavam a norte do Tabernáculo. 36 — Foi entregue à guarda dos filhos de Merari o seguinte: as tábuas do tabernáculo, as travessas, as colunas com as suas bases e todos os outros acessórios que diziam respeito aos trabalhos de montagem. 37 — e as colunas que contornavam o átrio, com as suas bases, as estacas e as cordas. 38 — Moisés, Aarão e os seus filhos acampavam do lado oriental do tabernáculo ou seja diante da tenda da reunião. Estavam incumbidos do serviço do santuário em nome dos filhos da aliança. O estranho que se aproximasse era morto. 39 — O total dos levitas varões com mais de um mês contados por Moisés e Aarão, por ordem do Senhor, segundo as suas famílias, foi de vinte e dois mil. 40 — O Senhor disse a Moisés: conta todos os varões de um mês para cima, que sejam primogénitos dos filhos de Israel e faz uma relação dos seus nomes».

Este texto faz parte da perícope que descreve o recenseamento geral dos levitas. Aliás estas disposições entrariam no estatuto dos mesmos levitas. Quando no versículo 35 se fala do chefe de família de Merari, deve entender-se dos clãs de Merari, como explicam os comentários bíblicos.

A partir do versículo 40, começa a falar-se dos levitas que substituem os primogénitos, assunto que é exposto nos versículos seguintes e que já não constam do nosso manuscrito.



Importância documental

O manuscrito que acaba de apresentar-se era até este momento inteiramente desconhecido, tanto dos estudiosos como do grande público.

O seu conteúdo não oferece qualquer novidade, pois reproduz duas conhecidas passagens do livro dos Números. Tem entretanto curiosidade digna de realce: além do texto hebraico, contém a respectiva versão aramaica. E textos aramaicos não são fáceis de encontrar. Assim, a citada autora Gabrielle Sed-Rajna no seu livro *Manuscripts Hébreux de Lisbonne, un atelier de copistes et d'enlumineurs au XV siècle*, publica vinte e três manuscritos e não apresenta nenhum em Aramaico. Da nossa parte, também não conhecemos outro entre nós, sem entretanto contradizermos o que escrevemos a propósito de um manuscrito português do século XVI, conservado na Biblioteca Municipal do Porto⁴. Efectivamente nesse longo manuscrito em diversas línguas também está presente o Aramaico, mas «de todas as línguas usadas esta é a menos contemplada».

Gostaríamos de apontar-lhe a origem e a data. Para isso, não dispomos de elementos definitivos, mas não devemos deixar de referir o que nos parece provável. Por um lado, temos conhecimento da existência de um centro de bons copistas hebreus em Lisboa no último quartel do século XV⁵, por outro, sabemos qual era o tipo caligráfico que utilizaram. Usavam caracteres quadrados, bastante finos e elegantes, contrastando neste ponto, por exemplo, com os dos copistas franceses e italianos que «eram um pouco mais redondos e não tinham tanta majestade», como observava já no século XVII Richard Simon⁶.

⁴ *Línguas orientais num manuscrito português do século XVI*, «Didaskalia», vol. III, 1973, 157-181.

⁵ G. SED-RAJNA, ao afirmar isto, apoia-se em diversos argumentos e cita em seu favor A. RIBEIRO DOS SANTOS pelo trabalho por ele apresentado na Academia das Ciências de Lisboa, sob o título *Da litteratura sagrada dos Judeos Portuguezes*, publicado pela Acad. Real das Ciências de Lisboa, Tomo II, 1792, 236-312.

A boa caligrafia dos judeus portugueses levou mesmo a esta apreciação que se tornou quase proverbial: «a lei em Castela, a poesia e a caligrafia em Portugal»⁷.

O nosso manuscrito situa-se perfeitamente nesta tradição caligráfica e, se não é do centio de copistas de Lisboa do século xv, está provavelmente na sua área de influência.

A. AUGUSTO TAVARES

⁶ *Histoire critique du Vieux Testament*, Rotterdam 1685, Vol. I, 120-121.

⁷ A frase é de IMMANUEL ABOAB in *Nomologia o discursos legales*, Amesterdam 1629, 220.